

Nº 57/58

BIBLIOTECA ESCOLAR

BOLETIM INFORMATIVO

BIMENSAL



ESCOLA PROFISSIONAL DE FERMIL

CELORICO DE BASTO

NOVEMBRO DEZEMBRO



sugestões de leitura

A ALMA NÃO É PEQUENA VALTER HUGO E JORGE REIS-SÁ



É o primeiro livro de poesia para telemóveis. É vulgar o envio de trechos de poesia por telemóvel mas o que nunca tinha acontecido era propor-se um conjunto de pequenos poemas, e dentro destes seleccionar-se trechos com menos de 160 caracteres, dos mais relevantes poetas portugueses, para enriquecer as mensagens SMS. Percorrer a poesia portuguesa dos últimos dois séculos é a proposta desta inovadora antologia. Aqui vai encontrar uma panorâmica correcta desta nobre arte, escolhida e assinalada para caber em mensagens SMS. De Almeida Garrett a Camilo Pessanha, Fernando Pessoa a Maria do Rosário Pedreira, 100 poetas portugueses propõem-lhe as mais magníficas mensagens retiradas do esplendor das suas obras. Transforme o seu telemóvel no veículo destas palavras, encha os seus contactos de poesia.

O DIÁRIO DE UMA BANANA JEFF KINNEY



Greg Heffley vai crescendo e começam a aparecer certos problemas relacionados com os seus amigos. O aumento de responsabilidade acompanha o seu crescimento. E depois de uma grande discussão com o seu melhor amigo Rowley, parece que Greg vai ter de encarar sozinho a "verdade nua e crua".



sugestões de leitura

PLATERO E EU JUAN RAMÓN JIMÉNEZ



Platero e Eu é um magnífico poema em prosa, escrito por Juan Ramón Jiménez (Prêmio Nobel de Literatura, em 1956). O autor escreve o ambiente e a vida da gente simples da sua pequena aldeia e também a afeição que o une ao burrito Platero, que umas vezes lhe serve de confidente, e outras é o verdadeiro sujeito da acção. Ambos, jovem e burro, percorrem as ruas da aldeia e os campos em seu redor, trocando impressões e imaginando aventuras, ou cruzando-se com alguns dos seus conterrâneos. Servido por uma tradução de José Bento, e pelas magníficas ilustrações de Bernardo Marques, Platero e Eu é um livro que ficará para sempre no coração dos leitores.

A NOITE LOGO SE VÊ MÁRIO ZAMBUJAL



À Noite Logo Se Vê é o relato hilariante das andanças de Mino, investigador do sobrenatural, na procura de explicações para acontecimentos extraordinários. De passagem, vai-se detendo em não menos fascinantes episódios da vida terrena, como a viagem do narrador e sua namorada, Natinha, numa noite de denso nevoeiro; a ascensão social de um homem de sete ofícios incompreendido pela cara-metade; a estratégia de Quinzinho Pontual na sua ambição de matar o tempo; a odisseia do pugilista gordo em vésperas de combate; o único descuido do velho repórter especializado em notícias de desastres; o inquietante mistério de Roseiral. Fantasiando o mundo real e parodiando o da fantasia, Mário Zambujal prende o leitor à sua escrita ágil em que a originalidade e o humor se unem para o prazer da leitura.



sugestões de leitura



A EQUIPA DA BIBLIOTECA DESEJA A TODOS UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO!!

O GUARDA DA PRAIA MARIA TERESA MAIA GONZALEZ



«Sentada no terraço, coloquei a folha na máquina de escrever e... fechei os olhos, inspirando a brisa salgada. De repente, uma sombra arrefeceu-me a cara e, quando abri os olhos, ali estava de novo um invasor de propriedade alheia, descontraído como sempre. Que é que vais escrever ali? - perguntou-me, apontando para a máquina. - A história de uma mulher que vivia sozinha num prédio alto numa cidade escura. Torceu o nariz em total desaprovação.- Porque é que não escreves antes sobre o mar ou sobre uma viagem?» E é sobre o mar, e sobre uma viagem, e sobre tudo sobre ela. O Dunas, que a escritora solitária, em férias na praia, escreveu este livro surpreendente.

AUTO DO CRUZEIRO DO INFERNO ISABEL ZAMBUJAL



Será que nos dias de hoje ainda há fidalgas alcoviteiras e judeus com o mesmo comportamento das personagens de Gil Vicente no seu Auto da Barca do Inferno? Isabel Zambujal descobriu-os em pleno século XXI e seguiu-lhes os passos até ao Cais. Cinco séculos depois, defeitos e as virtudes dos passageiros mantiveram-se. Relendo a genialidade de Gil Vicente, a autora não resistiu a abusar do humor e da imaginação. Porque ainda é a rir que castigam os costumes.